

# REPRESENTAÇÕES LÍTERO-GEOGRÁFICAS DO SERTÃO GOIANO NO CONTO *O PATUÁ*, DE BARIANI ORTENCIO

## GEOGRAPHICAL LITERARY REPRESENTATIONS OF “SERTÃO GOIANO” IN THE SHORT STORY *O PATUÁ*, BY BARIANI ORTENCIO

Júlio César Pereira Borges<sup>1</sup>

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves<sup>2</sup>

**RESUMO:** A complexa estruturação do arranjo histórico-social do mundo sertanejo, somada à necessidade do geógrafo em não se contentar com concepções esquemáticas sobre a verdade, justificam a recorrência à literatura regional goiana. O objetivo deste artigo é a análise do mundo sertanejo de Goiás sob a perspectiva da interação Geografia e Literatura. Recorre-se à literatura buscando apreender a multidimensionalidade da existência em Goiás com foco no garimpo e no trabalho do garimpeiro. Neste sentido, o conto *O patuá*, de Bariani Ortêncio, mostra a árdua e conflituosa vida daqueles que, na sanha da garimpagem, desafiavam os vaticínios do cotidiano em busca da vida afortunada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia. Literatura. Trabalho. Sertanejo. Sertão Goiano.

**ABSTRACT:** *The complex structuring of the historical-social arrangement of the sertanejo world, coupled with the geographer's need to not be content with schematic conceptions of truth, justify the recurrence of regional literature in Goiás. The objective of this article is the analysis of the sertanejo world of Goiás from the perspective of the interaction Geography and Literature. Literature is used to perceive the multidimensionality of existence in Goiás with a focus on the garimpo and the work of the garimpeiro. In this sense, the tale 'O Patuá', by Bariani Ortencio, shows the arduous and conflicting life of those who, in the wake of the mining, defied the daily predictions in search of a fortunate life.*

**KEYWORDS:** *Geography. Literature. Work. Sertanejo. Sertão Goiano.*

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Pires do Rio. Membro do Grupo de Estudos Espaço Sujeito e Existência- IESA/UFG. E-mail: jcesar.ueg@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá. Pesquisador colaborador dos grupos Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS/UFJF) e Trabalho, Território e Políticas Públicas (TRAPPU/UFG). E-mail: ricardo.goncalves@ueg.br

## Introdução

Terminava o tempo das águas. Até fins de abril o leito do rio já estaria baixo. Iniciaram-se os preparativos para a nova arrancada. Desta vez a coisa iria dar mesmo. Merica implorou-lhe: afirmou que o garimpo dele era ali mesmo, no serviço. Ele argumentou contra: trabalho remedeia mas não enrica. Agora que ele tinha deixado um lugar bem estudado, onde havia encontrado formas que atestavam ser o lugar o mais diamantífero da região, abandonar, nunca! Não deixaria aquilo para ninguém (ORTÊNCIO, 2011, p. 80).

A aproximação entre Geografia e Literatura no interior da produção geográfica brasileira ganhou destaque nos estudos do espaço e do sujeito. Sendo assim, a análise de determinada realidade via narrativa literária permite intensificar o olhar e a compreensão do mundo e dos sutis movimentos que compõem a tessitura da existência. Nesse sentido, interpretar o sertão goiano pela perspectiva do intercâmbio substantivo entre geografia e literatura regional permeou os esforços da pesquisa apresentada no presente texto. Nessa acepção, a obra literária *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio, foi reconhecida como um documento da realidade sertaneja por situar elementos que permeiam as sociabilidades do sertão, como o garimpo e o laborioso trabalho do garimpeiro.

Ao destacar a realidade sertaneja de Goiás, tem-se como objetivo principal apreciá-la na sua condição de existência, entendendo-a como resultado da acumulação histórica, dada pela relação entre sertanejo e sertão goiano. Nesse sentido, entende-se que o mais vibrante fulgor do sertão goiano está presente no *modus vivendi* do sertanejo, o qual é revelado nas crenças, festas, corpo, fala, música, literatura e trabalho. Desse modo, acredita-se que a literatura<sup>3</sup> regional goiana é uma exímia perscrutadora desta realidade, o sertão e a sociabilidade sertaneja.

A ideia de sertão apresentada e discutida no texto suplanta a visão política e econômica, e considera também sua condição cultural e simbólica. Por isso, sertão goiano refere-se à realidade que devido sua função na divisão regional do trabalho condicionou a

---

<sup>3</sup> A literatura é vista como uma representação da realidade tendo por base o caráter mimético presente na mesma. A mímesis é o princípio de que a criação literária é oriunda do contexto da vida humana, segundo algumas abordagens literárias e, por conseguinte, há uma presentificação do espaço geográfico na criação literária. Trata-se da noção espacial e esta é inerente ao acontecer real ou ficcional da experiência humana. Dessa maneira, o substrato espacial se configura na literatura por meio de uma noção geográfica, espacial. É essa noção espacial na ficção literária e a configuração da condição humana que impelem essa investigação geográfica dentro de uma obra literária (OLANDA E OLANDA 2009, p.3).

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

existência do sertanejo goiano. Com efeito, o sertão é entendido como *locus* da existência sertaneja que, sob os moldes da época (século XIX até meados do século XX), pautou-se na ruralidade, na quase sustentabilidade própria e pouco contato externo. Entender o sertão goiano consiste assim em compreendê-lo como base espacial do mundo sertanejo e também como produto de uma sociabilidade comandada pela lógica do tempo lento e da acumulação simples sob os preceitos da ruralidade.

A narrativa literária tem a competência de dar visibilidade aos lugares pela via das tramas minuciosas do mundo e sua ficcionalidade. Com o apoio dessa habilidade, a Geografia apresenta um cabedal de possibilidades interpretativas ao fortalecer a apreensão e apresentação da essência e densidade material e simbólica dos lugares. Nessa perspectiva, entende-se que a aproximação entre Geografia e Literatura auxilia a análise da sociabilidade sertaneja, pois, o modo de ver o espaço pelo ângulo da narrativa literária permite uma leitura da relação do sujeito, individual e coletivo, com o seu território de existência.

Dessa maneira, munidos do entendimento substantivo dos contributos da aproximação entre Geografia e literatura procedeu-se da análise da relação entre sertanejo e sertão goiano. Nessa condição, buscou-se responder as seguintes questões: como a Geografia e a Literatura contribuíram com a interpretação do mundo sertanejo goiano? Como o conto *O patuá*, de Bariani Ortencio, revela os ditames existenciais de um mundo operoso, o garimpo, que desafiava a dureza do sertão goiano e onde a certeza de *bamburrar*<sup>4</sup> suplantava a crueza da vida?

A metodologia utilizada na pesquisa baseou-se em procedimentos qualitativos como revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevista com antigos garimpeiros em municípios onde houve a prática da garimpagem de diamantes em Goiás, como Três Ranchos, Israelândia e Aragarças.

A leitura do livro *Sertão sem fim* e especialmente a análise do conto *O patuá*, contribuíram para aproximar a literatura do texto geográfico. Em suma, assim procedendo, valeu-se da rica experiência da narração proveniente da literatura, da dramatização da

---

<sup>4</sup> Extrair diamante de peso e qualidade significativa e ganhar muito dinheiro com o produto de sua venda. O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que pode justificar toda uma série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, *mudar a vida com a virada da peneira* (GONÇALVES, 2012).

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

existência e do trabalho do garimpeiro no espaço do garimpo como contributo para aprofundar a leitura geográfica do sertão goiano.

### **Geografia e Literatura na Interpretação do Mundo Sertanejo Goiano: *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio<sup>5</sup>**

Tezza (2012, p. 63) considera que “literatura é um fato da cultura humana, um objeto contingente, ao sabor da história e dos valores de um tempo”. Nesse sentido, o olhar sobre o mundo sertanejo pela perspectiva da literatura cobra o entendimento do que aqui se busca: os locutores, as personagens, as narrativas, as vozes e testemunhos de uma realidade construtiva do território goiano.

Entende-se que, compreendida de forma menos rígida e longe da ideia de “fotografia da realidade”, a literatura pode, numa palavra, fornecer subsídios ao melhor entendimento da sociabilidade do sertanejo goiano, da sua estrutura produtiva, bem como, da ideia de sertão, geralmente entendida como síntese da estrutura e da existência espacial dos sujeitos.

Logo, compreende-se que a obra literária pode documentar, testemunhar, corroborar e individualizar uma certa realidade espaço-temporal, situando coletividades, indivíduos, ações, temperamentos, comportamentos, ideias e visões de mundo, mas pode, simultaneamente, desautorizar tudo aquilo que oficialmente é tido como documento. Aparentemente despretensiosa, porque não engastada em determinações filosóficas,

---

<sup>5</sup> *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio, e *Metrópolis*, foi exposto na Feira do Livro de Frankfurt 2012, realizada de 10 a 14 de outubro na Alemanha. O livro foi escolhido pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) para integrar a mostra conjunta da edição acadêmica latino-americana na Feira de Frankfurt, junto a editoras universitárias do México, Colômbia e Argentina. *Sertão sem fim* reúne doze contos, que narram histórias de homens rudes, cujo teor se vincula diretamente à formação do sertanejo em terras do Centro-Oeste brasileiro. O livro teve sua primeira edição publicada em 1965 pela Livraria São José e se encontrava esgotado há muito tempo. Devido à sua grande importância para a literatura regional, a obra foi reeditada pela Editora UFG em 2000 e 2011.

Waldomiro Bariani Ortencio nasceu em Igarapava, Estado de São Paulo em 1923. Caminha sem pressa e com saúde, para os seus 92 anos de idade. É filho de Antonio Ortencio e Josefina Bariani. Em 1938, veio para Goiânia. Foi jogador de futebol, professor de matemática, empresário. Escritor, folclorista, compositor. Membro da Academia Goiana de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Comissão Goiana de Folclore. Obras: *Sertão sem fim*, *O sertão, o rio e a terra*, *A cozinha goiana*, *Dicionário do Brasil Central*, *O que foi pelo sertão*, *Vão dos angicos*, *Morte sob encomenda*, *A fronteira*, *Medicina popular do Centro Oeste*, *Meu tio avô e o diabo*, dentre outras, aliás, muitas outras; que esse homem gosta de escrever! E escreve bem! (CURADO, 2015, p. 03).

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

ideológicas e pelos vetores do mundo do trabalho, da produção e do consumo, a literatura pode permitir o vislumbre de “sombrias” perambulando a “clareza” do real. Pode assim, desanuviar forças mecânicas e desnaturalizar boa parte daquilo que os “olhos da cara” nomeiam como real.

De qualquer forma, a concepção de literatura da qual nos aproximamos, não cogita a independência do ficcional no tocante à realidade, tampouco, acompanha aqueles que se contentam em asseverar aspectos como: acidentalidade, personalismo e genialidade que, só reforçam a ideia de que a literatura é pura e simplesmente arte e a arte, por ser arte, se explicaria por si mesma.

A esse respeito, valemo-nos das considerações de Lukács (2010) quando analisou a noção de liberdade acerca da atividade artística e mais próxima de nós, da atividade literária.

Não penso aqui na expressão pessoal, nas nuances individuais, pois isso seria um “campo de ação” estreito demais para o exercício da liberdade de um verdadeiro artista. Mas a sociedade, a vida pública, da qual o processo de criação e a própria criação fazem parte integrante, não é uma unidade rígida e imóvel, nem mesmo uma progressão no sentido único, à qual a criação artística poderia simplesmente se incorporar. Essa unidade é a resultante de contradições, de forças antagônicas complexas e que mudam permanentemente; cada fator só existe como elemento constitutivo desta unidade em movimento, e a própria unidade só existe como reunião de diferentes lutas. (LUKACS, 2010, p.169).

Assim, o olhar geográfico que investiga a realidade, interceptando os impulsos ficcionais e relançando-os ao estudo das espacialidades correspondentes, guiou-nos na análise da relação sertão e sertanejo goiano, nos seus aspectos políticos, econômicos e culturais, retratados nas obras literárias que tratam do viver sertanejo em sua mais flagrante profusão.

Salienta-se que, a noção de contexto, como é assumida pela literatura marxista, informou os contornos então conferidos a tais obras, alinhavando e retroalimentando o que consideramos ser fulcral no estudo da sociabilidade sertaneja. Sobre tal prisma, apresentamos tais produções literárias como “o espaço do mundo”, ou seja, o espaço enquanto instância, condição, propósito e efeito do processo totalizante de funcionalização do mundo, por meio do qual pode-se “abraçar” de uma só vez o ser e o existir do sertanejo.

Com efeito, a literatura regional realista goiana apresenta-se como um continente de possibilidades interpretativas do mundo sertanejo e do sertão goiano através de obras escritas por literatos como Hugo de Carvalho Ramos, Carmo Bernardes, Bernardo Élis e

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio*.

Bariani Ortencio. Portanto, destaca-se a importância do livro *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio, para a leitura geográfica da cultura e do território goiano.

*Sertão sem fim* é uma obra da literatura feita em Goiás. Teve sua primeira edição publicada em 1965. Dotada de uma rica narrativa sobre a vida sertaneja no sertão goiano, traz exposto no seu prefácio a afirmação que, “Sertão é mais que uma palavra em literatura: é imagem, prenhe de significações”. Nessa condição o Sertão é visto como um lugar ilimitado territorialmente e de várias manifestações de comportamento e costumes o que o levou a ideia de um lugar sem fim.

A obra é composta por meio de 12 contos (*Paciência de goiano; A mulher do Elpídio; Os Pereira; Negociando o porco; O patuá; Cabeça de quimbanda; O noivado do coronel; O menino, o cão e... o espanhol; Benzedor de cobras; No garimpo; Primeira segunda-feira de agosto e A busca*), os quais evidenciam a riqueza, a diversidade e, a complexa existência do sertanejo goiano. Santana (2011, p. 11) explica que os contos “não estabelecem uma sequência narrativa no plano do enredo, mas que representam um conjunto de ações inseridas numa mesma ordem de concepção de vida, aquela enraizada em parte do mundo rural brasileiro”. Nesse interim, é também, enfatizado a sagacidade de um povo, que na rudeza da vida constrói uma criativa e exitosa sobrevivência. Condição que, ao contrário de muitos olhares preconceituosos, valoriza os sujeitos que se criaram no *interland* do Brasil. Os contos expõem ainda o cotidiano operoso do sertanejo goiano, ao evidenciar fatos, como as emboscadas, a força da palavra nas negociações, as aventuras da captura dos bandidos os conflitos no garimpo, as credences locais, delineadas pelo catolicismo rústico.

O aspecto da ruralidade predomina em todas as situações, enunciando uma estrutura baseada no tempo e na acumulação simples. Para Silva (2001, p. 12)<sup>6</sup> “o Sertão é o avesso da cidade, é o modo de viver da roça e dos pequenos povoados - as “currutelas” ou patrimônios – um mundo arcaico e valores rígidos”, em que o tempo da cultura estava ligado ao tempo do lugar. Nessa situação, o sertanejo, arisco habitante do lugar inóspito, estava envolto e se envolvia em todas as tramas, ao revelar um panorama geográfico e humano do sertão; em uma representação clara de sua coletividade e sociabilidade.

Vários elementos aparecem no decorrer da obra *Sertão sem fim* revelando a interação de fatores geográficos, históricos, sociológicos, culturais, econômicos e imagéticos.

---

<sup>6</sup> Vera Maria Tietzmann Silva, prefácio da segunda edição do livro *Sertão sem Fim* (2001)

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio*.

Portanto, representam a existência sertaneja. As situações discutidas nos contos representam as peculiaridades do mundo sertanejo, assim como, revela elementos espaciais que estruturaram o sertão goiano.

Assim, reafirma-se a importância das obras de Bariani Ortencio, para a leitura das particularidades do sertanejo e do sertão goiano. Ao revelar as peripécias de um povo na sua existência, suporta a afirmação de que: “O (Ser) tão goiano é a condição ilimitada de um povo que tinha como matriz o *Sertão sem fim*”. Nessa perspectiva, analisamos com maior detalhe o conto *O patuá*, que retrata elementos da vida e do trabalho do garimpeiro que mesmo na miserabilidade atravessada pelo espaço do garimpo, insiste em perseguir a ilusão de *bamburrar*.

### **Sonho de Garimpeiro: de uma hora para outra vem o bamburro**

Os garimpeiros emergiram como personagens do quadro econômico, social e cultural brasileiro ainda no século XVIII, nas áreas de exploração aurífera e diamantífera controladas pela sanha da Coroa Portuguesa por riqueza mineral em Minas Gerais. Estes sujeitos surgiram como protagonistas da resistência às imposições coloniais pelo controle das minas e cobranças de tributos. Mas, aos olhos das autoridades eles eram agentes notórios tanto da mineração ilegal quanto do contrabando (MARTINS, 2014). Neste sentido, para os homens de poder da Capitania de Minas Gerais os garimpeiros representavam a “gente de baixa extração social, acostumada a vida praticamente nômade, existindo à margem da Lei e das amarras dos costumes. Sujeitos insolentes, abusados, violentos” (MARTINS, 2014, p. 336).

A história destes sujeitos e sua posição na vida nacional e cultural, assim como no mundo do trabalho, resultaram em distintas representações simbólicas, desde a de “gente ínfima e turbulenta” à de “homem bom e herói civilizador” (MARTINS, 2014). Desse modo, são representações que justificaram e sustentaram práticas políticas, culturais e econômicas no decorrer da formação territorial do Brasil e de regiões mineradoras localizadas em estados como Bahia, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. A força destas imagens impôs aos garimpeiros as narrativas com predomínio da figura turbulenta, violenta e miserável.

Destarte, Marconi (1999, p. 8) afirma que

O garimpeiro tem sido mencionado quase que exclusivamente em seu aspecto negativo: se uns declaram sua irresponsabilidade aliada ao vício do jogo, da bebida e da boemia, outros lembram sua situação dramática, miséria, desnutrição e promiscuidade. Para quase todos os garimpeiros é sinônimo de aventura, de ambição e de nomadismo, vivendo da esperança – muitas vezes vã – de descobrir a pedra que o libertará de suas aflições permanentes. A grande maioria o vê como indivíduo profundamente supersticioso.

Nas narrativas do cotidiano, matérias de jornais e até mesmo em expressões da literatura regional, por meio de contos e romances, as representações sociais e simbólicas do garimpo e do garimpeiro continuam sendo associadas ao atraso, ilegalidade, depredação do meio ambiente, invasão de terras indígenas, devaneios e prostituição. A corrida frenética por pepitas de ouro, enveredada por aventureiros no garimpo de Serra Pelada, cujo auge se deu na década de 80 do século XX e a expansão da garimpagem clandestina no interior da Amazônia, as intervenções da Polícia Federal e os conflitos e assassinados de garimpeiros e índios nas áreas de garimpo se multiplicaram naquele contexto. Sendo assim, as críticas ao modelo “amazônico de garimpagem” (PÓVOA NETO, 1998), contribuíram para que tudo que esteja associado a garimpo e garimpeiro se tornasse sinônimo de desordem e violência.

Neste contexto, Bitencourt e Amodeo (2007) também consideram que o garimpo e garimpeiro surgiram associados à degradação ambiental, destruição e conflito. Para os autores (2007) tal representação é fruto das manchetes de jornais da década de 1970 e 1980 que mostravam ao mundo os processos socioambientais predatórios e precários dos garimpos de Serra Pelada.<sup>7</sup> Cleary (1992) afirma que os jornais pintaram uma imagem da corrida do ouro na Amazônia como proverbialmente sem lei e anárquica, uma imagem que prevalece. Como resultado, essa concepção negativa do garimpo e do garimpeiro agente de degradação, estendeu-se para as distintas regiões do Brasil.

Para Póvoa Neto (1998), o garimpo sempre desafiou as políticas oficiais, no sentido de regulamentar a atividade. Cleary (1992) já mostra que mesmo os garimpeiros e a garimpagem existindo desde o início do século XVIII, somente no século XX que eles foram definidos legalmente e o Estado brasileiro realizou esforços formais no sentido de construir

---

<sup>7</sup> Para pesquisar o processo de fechamento do garimpo de Serra Pelada, a intervenção federal e suas consequências, ver Cleary (1992, p. 162-175).

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

com eles um relacionamento institucional, especialmente a partir do Governo Vargas<sup>8</sup>. “Antes da garimpagem ser reconhecida e definida legalmente, ela foi, por definição, uma atividade clandestina. Consequentemente, o relacionamento com o Estado foi, por um lado, de perseguição, de resistência ou de retraimento por outro” (CLEARY, 1992, p. 177).

Em Goiás, o garimpo (o espaço de exploração mineral), a garimpagem (o processo de trabalho) e os garimpeiros (os sujeitos trabalhadores) também são personagens do processo de ocupação e formação econômica e social deste território, que surgiu sob as determinações da corrida colonial por ouro e pedras preciosas no século XVIII. No início do século XIX, mesmo quando o esgotamento das pepitas douradas extraídas nos aluviões dos córregos auríferos abatia sobre a economia mineradora de então, a extração de ouro e pedras preciosas não desapareceu por completo. A mobilidade espacial dos garimpeiros e a descoberta de novas áreas de garimpagem expandiram as fronteiras da exploração do território goiano. Além disso, o garimpo e o trabalho de garimpagem foram incorporados na literatura, no imaginário e na cultura do mundo sertanejo do sertão goiano. E mesmo no início do século XXI, em municípios como Três Ranchos, Goiás, Israelândia, Aragarças e Crixás ainda se pode ouvir histórias do “tempo do garimpo”, quando garimpeiros de ouro e diamantes povoavam as margens de córregos e rios no empenho incontrollável de se enriquecer.

Como se pode ver, o garimpo, a garimpagem e o garimpeiro não permearam apenas o imaginário popular ou as políticas estatais, seja de regulamentação ou punição por sua natureza clandestina. O campo literário, especialmente a literatura regional, demonstra que o garimpo é também um espaço por excelência da narrativa imaginária que permeia a prosa e a poesia de escritores brasileiros. Protagonistas da literatura regional como BernarDo Guimarães (*O garimpeiro*, publicado em 1872), Mário Palmério (*Vila dos Confins*, publicada em 1956) e Herberto Sales (*Cascalho*, publicado em 1944) exemplificam o conjunto de narrativas literárias que aproveitaram da oficina de acontecimentos, sonhos, dramas, conflitos e paixões que enredam o espaço do garimpo e o trabalho do garimpeiro. No interior das obras

---

<sup>8</sup> Ver Cleary (1992, p. 177-191), onde trata sobre a realação entre a garimpagem no Governo Vargas e as tentativas de regularizar a natureza clandestina da garimpagem.

Na década de 1930 além dos esforços de reconhecimento oficial do garimpo, foi criado o Sindicato Nacional dos Garimpeiros.

Destaca-se ainda que no período recente foi oficializado o Estatuto do Garimpeiro pela Lei N° 11.685, de 2 de Junho de 2008.

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

escritas por esses autores, as representações simbólicas do garimpo e do garimpeiro não se dissociam da leitura de espaços, paisagens e sujeitos que compõem a formação do território e da sociedade brasileira. Em Goiás, estas interpretações podem ser constatadas em contos de literatos como Bernardo Élis e Bariani Ortencio.

Em decorrência disso, a obra *Sertão sem fim*, de Bariani Ortencio, por intermédio dos contos *O Patuá* e *No garimpo*, permite a tradução de diferentes representações literárias sobre o garimpo e os garimpeiros<sup>9</sup> e, de modo amplo, do próprio mundo sertanejo goiano, do qual esses sujeitos (os garimpeiros) e este espaço (o garimpo) exercem importante papel simbólico e cultural.

Uma das representações simbólicas do garimpeiro que comparece no conto *O patuá* dá destaque à imagem da atividade garimpeira praticada por esse sujeito enquanto sinônimo de jogo e vício.

Os principais vícios não são somente o fumo, a bebida e o baralho, não senhor. O garimpo é um vício tão capital quanto a cachaça, pior que o tabagismo e não há baralho que chegue perto. É o vício da ambição pelo trabalho estúpido a céu aberto. É aquela ânsia de ficar rico as pressas, de bamburrar de uma hora para a outra, de garantir o futuro farto (ORTENCIO, 2011, p. 73).

O personagem principal do conto *O patuá*, Izidoro, é um garimpeiro que em todos os anos, após o período das chuvas (entre outubro e março) no Planalto Central brasileiro, retorna para o garimpo com as esperanças de fortuna incendiadas. “Aproximando a seca, já estava ele com os preparativos para seguir viagem ao garimpo. E no mesmo lugar!” (ORTENCIO, 2011, p. 77). Na sequência de anos e até de décadas este foi o itinerário de muitos garimpeiros cujo horizonte era ficar rico com o garimpo. Assim também é o protagonista do conto de Bariani Ortencio. Conta o narrador que Izidoro deixa a família em casa e se lança na estrada rumo ao garimpo Caldeirão do Inferno, nos estados de embriaguez e sonho que pairam sobre a garimpagem de diamantes.

---

<sup>9</sup> “Por ‘representação do garimpo e do garimpeiro’, entende-se a construção ampla de sentido, expressa por palavras, discursos, sons, imagens, conceitos, coisas etc., por meio da qual tanto indivíduos como grupos percebem a realidade da mineração tradicional e pautam a sua existência nos espaços onde ela está presente”. (MARTINS, 2014, p. 333).

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

Desta vez partiu mais bem sortido, deixando, em casa própria, a mulher, gestante, com a qual se amasiara. A viagem, em lombo de burro, da velha capital para frente, era penosa, mas saudável. A ânsia de chegar e atacar logo o serviço era por demais. Passava por diversos povoados-tapera, garimpos abandonados, onde medravam o melão-são-caetano e os cafeeiros agonizantes. Descia o rio, deixando Ferreiro, Pilões, o Rio da Praia, o Lambari, a Serra das Guritas, o Rio Bugre, chegando, finalmente, ao Caldeirão do Inferno (ORTENCIO, 2011, p. 77).

O que move Izidoro, o caçador de diamantes, é o sonho de enriquecimento, é o *bamburro* traduzido no achado de diamante grande e de pureza rara. Os sonhos, portanto, são intrínsecos à faina deste garimpeiro, cuja dureza e o suor do trabalho explicam-se pelo resultado esperado, a *pedra rara*. “As suas noites eram povoadas por maravilhosos sonhos, que o animavam sempre mais; era o moderno Fernão Dias: Izidoro, o caçador de diamantes” (ORTENCIO, 2011, p. 80). Portanto, a insistência em revirar barrancos, cavar buracos, apurar cascalho e não deixar nenhum serviço inconcluso. “O garimpeiro não larga; possui aquela fé de faiscar o carumbé” (ORTENCIO, 2011, p. 78).

Ortencio (2011), ao narrar o mundo do garimpo chamando atenção para os sonhos, adentra parte do imaginário que atravessa o trabalho dos garimpeiros no sertão goiano, naquilo que alimentava a persistente busca pela fortuna. O garimpeiro, conforme a explicitação de Sousa (2011, p.1), “culturalmente, é supersticioso, fantasioso, para quem a boa ou a má sorte estão sempre à espreita, pressagiada nos acontecidos insignificantes da vida”. Em entrevistas realizadas com estes tradicionais “trabalhadores do sertão” em municípios goianos, um deles narrou o mundo fantasioso do garimpo a partir do sonho: “*garimpeiro acreditava no sonho. Se sonhava com o trabalho no garimpo acreditava piamente naquilo e interpretava o sonho como um aviso mágico do que poderia acontecer. É sonho com mulheres e crianças andando nas catas, luz iluminando o cascalho, sonho com vaca, carneiro andando encima dos barrancos das catas. Para todos estes sonhos atribuíam significados. Sonho de garimpeiro é indicação positiva ou negativa. Estando no garimpo era preciso seguir a orientação do que os sonhos diziam. Sonho de garimpeiro é diamante no picuá*”.

Com o apoio de pesquisas de campo realizadas em antigas áreas de garimpos do sertão goiano, foi oportuno o diálogo com velhos garimpeiros de diamantes residentes em municípios como Israelândia, na Região Oeste Goiano. Com base nas entrevistas, os sujeitos constituíram relatos que trataram da realidade cotidiana do trabalho de garimpagem. No

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

garimpo e na prática da garimpagem, os garimpeiros se baseavam nos conhecimentos adquiridos com a experiência, no devir da vida e do labor de todos os dias nas margens dos rios e *grupiaras*<sup>10</sup>. Havia uma sabedoria inscrita no processo de identificação do cascalho, na maneira de perfurar as *catas*, na forma de separar o cascalho diamantífero do rejeito e no momento da lavagem e apuração final.

As relações de trabalho nos garimpos manuais não contavam com rígida divisão e fragmentação do trabalho. Havia garimpeiros individuais e outros que trabalhavam em grupo, mas a maioria conhecia todo o processo e as fases da garimpagem, da escolha da cata e extração do cascalho à fase de apuração final. Para identificar os cascalhos diamantíferos os garimpeiros se agarravam na eleição e análise criteriosa das *formas*, que são os fragmentos de rochas considerados os “satélites” dos diamantes. Como diz Palmério (1984, p. 105), em *Vilas dos Confins*, “a prática o ensinou a conhecer o cascalho só num relance de vista. Se palpita boa forma, a peneira tira a dúvida; e, se informou bem, o homem arrancha.”

Um garimpeiro entrevistado no município de Israelândia/GO, que durante 20 anos dedicou-se a atividade nas margens no rio Claro, explicou o seguinte: “*o garimpo bom é assim; você tira a cata, leva o cascalho na água, dá umas batidas de peneiras e então observa com muita atenção o tipo da forma. É pelo tipo da forma que a gente sabe se o garimpo é bom ou ruim. A forma sendo boa, positiva, aí pode contar com o diamante no picuá, pode comprar fiado. Agora se a forma for ruim, aí queima dois, três anos, tem que sair fora daquele lugar e procurar outro*”.

As *catas* são as perfurações feitas nos terrenos pelos garimpeiros para retirar o cascalho e, quando a “*cata queima*” é porque não foi encontrado diamante no cascalho apurado. Por outro lado, há exemplos de garimpeiros que encontravam numa mesma *cata* o que chamam de “*mancha de diamantes*”, várias pedras em um único lugar. As *catas* eram perfuradas em lugares secos distantes dos cursos d’água ou nos barrancos dos rios e nas matas ciliares, com muita umidade no solo e nascentes. Estas últimas eram conhecidas pelos garimpeiros como “*cata d’água.*” Alguns garimpeiros relataram que retiravam a água das *catas* com latões. Levantavam da cama na madrugada todos os dias para fazer esse serviço. Como relatou um entrevistado: “*A gente acordava na madrugada, acendia o fogo, coava o*

---

<sup>10</sup> *Cata* em terreno seco, normalmente aberta em áreas mais altas do relevo, distante das margens dos rios e córregos.

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

*café quente bom mesmo e aprontava para ir para o serviço do garimpo, retirar a água das catas. Nós batíamos a água da cata, tudo na base da lata, enchia e despejava fora. Ali minava direto, nós íamos extraindo e despejando o cascalho do lado de fora para depois apurar.”*

O cascalho retirado dos leitões ou nas *catas de monchão* era apurado dentro dos rios com o apoio rudimentar das peneiras. Como diz literalmente Ortencio (2011, p. 77), expressando o trabalho dos garimpeiros na extração e lavagem do cascalho,

A faina recomeçou. Picaretas no cascalho quebrando emburrados, baldeando latas pelo morro abaixo, indo lavá-lo no rio. Seguia-se o balanço das bateias. Povo animado, os garimpeiros. Depois de lutas exaustivas, tremendas lutas, conseguem, quase sempre, pegar apenas formas. E, com elas, ficam animados para uma nova investida, pois a fé no garimpo é inabalável.

Conforme os relatos de entrevistas, no momento da apuração do cascalho, o garimpeiro sempre ficava atento na virada da peneira no *piquete*<sup>11</sup>. “*Quando os garimpeiros encontravam diamante o primeiro brilho da pedra misturada no cascalho úmido parecia uma estrela, chegava de lampear no meio da forma, é a mesma coisa de um espelho, aquele aço*”, relatou um trabalhador do garimpo que outrora existiu no rio Claro, em Israeldândia/GO.

O achado de sorte era motivo de festa, soltavam-se foguetes, promoviam-se festas, presenteavam-se amigos. Mas, em poucos dias a notícia corria e o garimpo e redondezas eram povoados por compradores de diamantes, os *capangueiros*<sup>12</sup>. Aparecia o *capangueiro* sorrateiro, como de costume ludibriava os garimpeiros, comprava as pedras por preços irrisórios, pagava com dinheiro vivo e desaparecia para vendê-las junto a outros atravessadores nas grandes capitais. Em poucas semanas ou meses o dinheiro do diamante também desaparecia, e mais uma vez, o garimpeiro caminhava para o garimpo crente de que

<sup>11</sup> No processo de apuração final, *piquete* é local onde a peneira é batida (virada) com o cascalho lavado, resultado imediato da virada da peneira.

<sup>12</sup> O termo origina-se ainda no século XVIII nas minas diamantíferas de Minas Gerais. No contexto da época, diante do extravio de diamantes, Felício dos Santos (1978, p. 217) diz que “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores”. Em Coromandel, o termo *capangueiro* é usado para se referir aos compradores de diamantes e, na maioria das vezes são sujeitos residentes na própria cidade ou municípios vizinhos, como Monte Carmelo, Uberlândia, Patos de Minas e Patrocínio. Além disso, geralmente formam uma trama de acordos, tramas e contatos entre si ou com grandes compradores dos centros maiores.

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio.*

voltaria a ser beneficiado pela sorte, o *bamburro* era certo. Orientado por sonhos, escolhia uma cata, extraía o cascalho e apurava esperançoso enquanto o suor descia no rosto. Mas, garimpo é assim mesmo “não existem meios-termos: de uma hora para outra vem o bamburro” (ORTENCIO, 2011, 80).

### **Considerações Finais**

A interlocução entre geografia e literatura aproxima o pesquisador das narrativas do mundo pela via da linguagem literária e seus diferentes gêneros como poemas, contos, romances etc. As interpretações geográficas que partem do espaço ficcional da literatura, por sua vez, adentram a dramaticidade da vida, a subjetividade dos sujeitos e o movimento minucioso da experiência cotidiana.

Neste sentido, a literatura produzida em Goiás por escritores cujas obras dialogam com o regionalismo aproveitou do espaço e das sociabilidades, dos símbolos e temporalidades que compõem a paisagem social e simbólica do mundo sertanejo e do sertão goiano. O trabalho na terra, as festas, a religiosidade, o garimpo e os garimpeiros, as paisagens do Cerrado, a estrutura fundiária desigual, coronelismo e exploração dos trabalhadores do campo são temas frequentes em textos de escritores como Bernado Élis (*A terra e as carabinas; Ermos e Gerais; Chegou o Governador*), Carmo Bernardes (*Jurubatuba*) e Bariani Ortencio (*Sertão sem fim*).

Desse modo, ao proceder da análise do livro *Sertão sem fim* e especificamente do conto *O Patuá*, escrito por Bariani Ortencio, estabeleceu-se aproximações substantivas entre geografia e literatura para aprofundar a interpretação peremptória do mundo sertanejo e do sertão goiano. A obra de Ortencio (2011) expõe uma nítida referência ao modo de vida e às expressões da cultura e das experiências de trabalho dos sujeitos que habitam esse vasto território material e imaterial que é o sertão. Logo, o garimpo, a garimpagem e o garimpeiro emergem como expressões deste mundo, o sertão goiano, e da dramática existência enredada no trabalho duro da faina garimpeira, raras vezes afortunada.

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio*.

## REFERÊNCIAS

BERNARDES, C. *Jurubatuba*. São Paulo: Livraria Cultura Goiana Editora, 1979.

BITENCOURT, M. A.; AMODEO, N. B. P. *Garimpo e cooperativas: a incompatibilidade entre dois mundos: identidade, calores e governança das cooperativas*. Disponível em: [http://www.fundace.org.br/cooperativismo/arquivos\\_pesquisa\\_ica\\_la\\_2008/049bitencourt.pdf](http://www.fundace.org.br/cooperativismo/arquivos_pesquisa_ica_la_2008/049bitencourt.pdf). Acesso em: 02 jun. 2010.

CLEARY, D. *A garimpagem na Amazônia: uma abordagem antropológica*. Tradução de Virginia Rodrigues Malm. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

CURADO, B. A. A. J. F. *Inventário das cinzas: brasas dormentes da produção literária sobre o cerrado em Goiás*. (Doutorado em Geografia) - Instituto de estudos socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ÉLIS, B. *A terra e as carabinas*. Goiânia: R&F Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. *Chegou o governador*. 3.ed. Rio Janeiro: José Olympio, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ermos e gerais*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, R. J. de A. F. *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho no município de Coromandel-MG*. 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Catalão-GO, 2012.

GUIMARÃES, B. *O garimpeiro*. São Paulo : Ática, 1995.

LUKACS, G. *Marxismo e teoria literária*. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARCONI, M de A. *Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

MARTINS, M. L. *Breviário de Diamantina: uma história do garimpo de diamantes nas Minas Gerais (século XIX)*. Belo Horizonte/MG: Fino Traço, 2014.

OLANDA, D. A. M.; OLANDA, E. R. *Lugar da natureza e a natureza do lugar em obras de Carmo Bernardes*. ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009. Montevideo-Uruguay. Programa Online... Montevideo: [s.e], 2009.p.1: [http://egal2009.easyplanners.info/area08/8135\\_OLANDA\\_Diva\\_Aparecida\\_Machado.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area08/8135_OLANDA_Diva_Aparecida_Machado.pdf) Acesso em: 28 abr. de 2015.

ORTENCIO, B. *Sertão sem fim*. Goiânia: Editora da UFG, 2011.

PALMÉRIO, M. *Vila dos Confins*. 22.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1984.

BORGES, Júlio César Pereira; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. *Representações litero-geográficas do Sertão Goiano no conto O patuá, de Bariani Ortencio*.

PÓVOA NETO, H. *No caminho das pedras: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás*. 1998. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

RAMOS, H. de. C. *Tropas e boiadas*. 8.ed. Goiânia: Editora UFG, 1998.

SALES, H. *Cascalho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SANTANA, R. Prefácio: um contista da terra. In: ORTENCIO, B. *Sertão sem fim*. Goiânia: Editora da UFG, 2011. p.09-12.

SANTOS, J. F. dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SILVA, T. Prefácio. In: ORTENCIO, B. *Sertão sem fim*. Goiânia: Editora da UFG, 2001.

SOUSA, J. L. V. de. Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos – Goiás. ENANPEGE, IX, *Anais...*, Goiânia: ANPEGE, 2011.

TEZZA, Cristóvão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Recebido em 02/07/2017

Aprovado em 05/07/2017